

**MOEDA** - Ao contrário do que pensava há um ano, Prêmio Nobel de Economia diz que valorização do real seria problema se governo estivesse muito endividado em dólar

# Krugman agora descarta problemas com câmbio

JIM YOUNG / REUTERS



**Se o déficit de transações correntes atingir 3% a 4% do PIB, tudo bem. O quadro fica preocupante quando esse indicador fica bem maior, algo perto de 6% a 7% do PIB."**



um dos três seguintes cenários. O primeiro é de altíssimo endividamento do governo e de empresas em dólares. O segundo é o que qualificou como "armadilha de liquidez para exportações", no qual a moeda doméstica excessivamente forte poderia impactar muito a produção industrial local e também as vendas externas.

**BOLHAS.** Nesse contexto ocorreria uma queda do nível de atividade interna, o que geraria alto desemprego. Num cenário como esse, os juros poderiam cair para taxas muito baixas, mas tal medida seria inócua. A terceira é algo como ocorreu

nos EUA de 2002 a 2007, quando foi registrado o ingresso muito grande de recursos internacionais que propiciou uma vasta onda de investimentos em vários tipos de ativos, como residências. Mais tarde, tal excesso de liquidez gerou bolhas naquele país, o que criou a atual crise na qual a economia norte-americana está envolvida. "Esse terceiro cenário é algo para se observar no futuro, mas não acredito que tem altas chances de ocorrer no Brasil", disse.

Krugman afirmou ser viável que o Brasil cresça na média de 5% nos próximos três ou quatro anos. "Esse é um País que tem 200 milhões de habitantes, um

mercado interno grande e apresenta boas condições econômicas, com uma forte redução da desigualdade social nos últimos anos", disse. O economista fez referência aos 29 milhões de pessoas que saíram da classe E e ingressaram nas classes C e D de renda de 2003 a 2009, como apontou a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O Prêmio Nobel classificou como "sensível" e "bem razoável" a condução na política econômica pelo governo do presidente Lula. "Os três demônios estão sob controle: a inflação, o câmbio e a questão fiscal", afirmou. O acadêmico destacou que não vê o atual desempenho da economia como uma expansão muito alta, que justificaria toda a empolgação com o País registrada no mercado financeiro internacional.

Por fim, Krugman observou que esse sentimento positivo também foi registrado nos Estados Unidos em 1993 e 1994, no governo do ex-presidente Bill Clinton, o que foi muito importante para os EUA ingressarem no maior período de prosperidade de sua história. Krugman mostrou-se tranquilo em relação à transição política do Brasil, dado que ocorre neste ano a eleição presidencial. "Vejo as declarações dos candidatos, o que não interfere na economia", afirmou.

**RICARDO LEOPOLDO**  
DA AGÊNCIA ESTADO

**A**o contrário do que manifestou há cerca de um ano, em São Paulo, o prêmio Nobel de Economia de 2008, Paul Krugman, não acredita que a valorização do câmbio hoje seja um problema para a economia do Brasil. "Se o déficit de transações correntes atingir 3% a 4% do PIB, tudo bem. O quadro fica preocupante quando esse indicador fica bem maior, algo perto de 6% a 7% do PIB." Perguntado sobre o que o fez mudar de opinião, ele respondeu com certa ironia: "É que naquela época eu não estava suficientemente pessimista sobre a economia mundial como estou hoje."

Em palestra realizada na quinta-feira na capital paulista, Krugman destacou que o nível de atividade nos EUA deve ficar fraco nos próximos seis anos. Ele também ressaltou que para o desemprego naquele país retornar ao patamar de pleno de emprego, ou seja, algo próximo a 5%, deverá demorar pelo menos 20 anos. Atualmente a taxa de norte-americanos desocupados é de 9,6%.

Krugman destacou que a valorização cambial seria nefasta para a economia brasileira se ela estivesse enquadrada em